



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



Michele Cristina da Silva

A relação entre bibliotecas escolares e a escola: incentivando a leitura

Rio de Janeiro
2014

Michele Cristina da Silva

A relação entre bibliotecas escolares e a escola: incentivando a leitura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Lucia Maria da Cruz Fidalgo

Rio de Janeiro
2014

S586r

Silva, Michele Cristina da.

A relação entre bibliotecas escolares e a escola: incentivando a leitura/ Michele Cristina da Silva. – Rio de Janeiro, 2014.

28f.

Orientadora: Lucia Maria da Cruz Fidalgo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Escola. 2. Biblioteca escolar. 3. Prática leitora. I. Fidalgo, Lucia Maria da Cruz. II. Título.

CDU: 025

CDD: 025

Michele Cristina da Silva

A relação entre a biblioteca escolar e a escola: incentivando a leitura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em:

Profa. Lucia Maria da Cruz Fidalgo
Orientadora
Mestre em Educação - UFF

Profa. Juliana Assis
Mestre em Ciência da Informação - UFMG

Profa. Cristina Paiva
Mestre em Letras e Ciências Humanas - UNIGRANRIO

RESUMO

SILVA, Michele Cristina da. **A relação entre biblioteca escolar e a escola:** incentivando a leitura. 2014. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o diálogo entre as escolas e as bibliotecas escolares através da atuação de seus profissionais e das ações que são feitas nas mesmas para dinamizar o ensino/aprendizagem e fomentar a leitura, sendo a última o objeto principal deste estudo. Através do estudo bibliográfico buscou-se compreender as diversas funções do bibliotecário no meio escolar, como educador/mediador, e sua relação com os outros profissionais das instituições de ensino. Além desse diálogo, o trabalho visa também apontar a importância da leitura para o ensino/aprendizagem e as iniciativas de incentivo à leitura que podem ser realizadas dentro das escolas através da biblioteca escolar.

Palavras-chave: Escola. Biblioteca escolar. Leitura. Práticas leitoras.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 EDUCAÇÃO “À BRASILEIRA”	8
3 CENÁRIOS DA LEITURA	10
4 BIBLIOTECA ESCOLAR	12
5 BIBLIOTECÁRIO E SUAS ATRIBUIÇÕES	15
5.1 <i>Bibliotecário como educador/mediador</i>	17
5.2 <i>Relação bibliotecário e leitor</i>	18
5.3 <i>Desenvolvimento de coleções na biblioteca escolar</i>	20
6 BIBLIOTECA ESCOLAR COMO UM ESPAÇO CRIATIVO	21
7 PRÁTICAS LEITORAS	23
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
Referências	27

1 INTRODUÇÃO

O cenário no Brasil de hoje, país considerado emergente, retrata uma crise em diversos setores, como saúde, segurança e educação, típica dos países nessa denominação. As diferenças de ideias e comportamentos caminham para um rumo indefinido e cada vez mais hostil, tanto pelas autoridades, como pelos civis. O sucateamento dos serviços públicos está cada vez mais latente, causando danos significativos à sociedade.

A ideia da minimização dos conflitos sociais, políticos e culturais de uma Nação, por meio da educação, é, de fato, coerente. É através do acesso à informação e o questionamento da mesma, que um indivíduo adquire conhecimento para reivindicar sua cidadania, seus direitos e seus deveres.

[...] uma vez que uma educação efetivamente de qualidade – democrática e inclusiva -, além de formar o “sujeito cognoscente”, habilitado a uma série de competências, muito provavelmente favoreceria o fortalecimento dos grupos desfavorecidos na sociedade civil, tornando-os potenciais sujeitos políticos conscientes de seus direitos e deveres de cidadania, mais aptos à participação política e à luta por realização de direitos. (MANCEBO, 2009, p. 176)

Nesse contexto, o espaço da escola tem um papel importante. Trata-se de um lugar que viabiliza o contato dos indivíduos com educação de base, ou seja, informações e práticas que geram conhecimento e experiência que ajudam na formação dos mesmos. A escola deve ser democrática, inclusiva, criativa, informal e autônoma, visando assim agregar seus membros desde a primeira idade, respeitando as diferenças, sendo assim plural.

Mas na realidade, o que tem sido a escola? Como já mencionado anteriormente, a educação é um dos setores em crise no Brasil. As escolas estão cada vez mais engessadas em padrões e repetições nas quais os alunos reproduzem sem questionamentos as informações transmitidas pelos professores.

Segundo Carneiro da Silva (2003, p. 20): “[...] uma ação pedagógica que visa a (de)formar os alunos passivos, que tem o seu aproveitamento avaliado pela capacidade que demonstram de reproduzir, com exatidão, o discurso do professor ou o texto do livro didático”. Deixando muitas vezes de aproveitar textos de ficção que através dos mesmos podemos discutir, aprender e compartilhar saberes. Exemplo disso é o texto “Quando a escola é de vidro” de Ruth Rocha, onde uma escola engessada, que coloca os alunos em vidros, um dia tem que enfrentar e perceber que a liberdade é a melhor forma de aprendizagem.

O método de aprendizagem que exalta a autonomia, tanto dos alunos quanto dos professores, transforma ambos em pesquisadores, ou seja, participantes ativos na busca por diversas informações, com pontos de vistas diferentes sobre o mesmo assunto, que possa sanar uma questão. Um instrumento importante para essa atitude dentro da escola é a biblioteca escolar, que significa um espaço de troca de informações e experiências, realização de atividades, geração de conhecimento e fomento à pesquisa. Nesse sentido, a biblioteca é um órgão vital para a escola, que serve de complemento para a aprendizagem.

A biblioteca escolar é onde, em primeiro lugar, se guarda e organiza a informação para que a mesma seja recuperada, em um curto tempo, e utilizada para atender algum interesse pessoal do usuário. Para Milanesi (1998, p. 48): “A biblioteca, como núcleo de informação, é o serviço que dispõe as informações para o público”. Para além dessa função central, a biblioteca escolar, como um organismo em movimento, vem assumindo diversos perfis a fim de colaborar para o cenário sócio cultural das comunidades mundo a fora.

Atualmente, com um profundo pesar, o cenário brasileiro das bibliotecas escolares está caminhando muito semelhante, senão pior, às próprias escolas de ensino básico. As escolas funcionam, muitas das vezes, sem bibliotecas ou com minúsculas salas que servem de depósitos de livros velhos, sem utilidade e atualização, onde os alunos são atendidos por um funcionário sem capacitação para atuar na área. E quando há livros novos, recebidos por projetos incentivados pelos governos, não há pessoal preparado para ser mediador deles. É como “dar o peixe e não ensinar a pescar”.

Por esta razão, este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade fazer um estudo bibliográfico sobre a relação escola e bibliotecas escolares, propondo um olhar para a importância do incentivo à leitura, práticas leitoras e da mediação, buscando um gosto pela leitura, por acreditar que essa junção pode fazer diferença na aprendizagem e, conseqüentemente, na formação dos alunos no ensino básico.

2 EDUCAÇÃO “À BRASILEIRA”

Já não é de hoje que o tema “Educação no Brasil” vem sendo foco de atenção nos debates acadêmicos e em rodas de conversa informais em todo o país. Trata-se de uma percepção coletiva, pelo menos por parte dos educadores e dos próprios estudantes, que a estrutura da educação não está desejável.

Uma breve passagem pelo histórico da educação nacional permite observar que a mesma sempre teve caráter seletivo. As escolas eram frequentadas pelos ricos, em sua maioria dos centros urbanos, excluindo a população menos favorecida dos subúrbios e do meio rural do direito à educação de base e informação para formação de cidadania.

Ao longo dos anos, o cenário da educação no país não mudou muito. Atualmente, maioria das escolas públicas de ensino básico está sucateada, apenas tendo as universidades públicas um renome, na qual os mais favorecidos financeiramente ingressam e se beneficiam desse privilégio, enquanto os mais pobres tem de pagar pelo ensino superior em instituições de ensino que são grandes empresas. De uns anos para cá, iniciativas chamadas de ações afirmativas, popularmente conhecidas como cotas, começaram a dar mais espaço para a inclusão da classe desfavorecida nas universidades, ação essa que ainda tem muito que melhorar, mas esse é um assunto para outra ocasião.

Quanto ao ensino superior, o parágrafo anterior refere-se somente a um comentário pessoal da autora, pois para esse trabalho o foco a ser dado e discutido é o do ensino básico, que compreende a educação infantil até o ensino médio.

A educação pública teve seu marco na década de 1980, quando depois de duas décadas de ditadura no país, a redemocratização se fez presente, trazendo um aumento na mobilização dos civis pelos seus direitos e em busca da tão sonhada cidadania. Com a Constituição de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, que previa o direito a cidadania, educação e trabalho para a população brasileira, as escolas públicas tiveram um aumento no ingresso dos alunos, reduzindo, em certo grau o caráter seletivo, incorporando no meio escolar público estudantes independente de gênero, cor, raça e credo.

Uma educação de qualidade, nesse caso, exigiria, para além de uma boa infraestrutura escolar e de docentes qualificados, a capacitação de todos os educandos em igualdade de condições, assim como a incorporação da diversidade cultural ao currículo e à prática educacional. (MANCEBO, 2009, p. 177)

Essa mudança de cenário da educação pública pode ser encarada como um ponto positivo, se as condições sociais da população, em suas respectivas regiões, fossem assistidas. A padronização e infraestrutura do ensino no país parecem não respeitar as diferenças da população, ou seja, a população de baixa renda, na maioria das vezes, abandonam as escolas para ingressarem no mercado de trabalho, o que dificilmente acontece nas classes média e alta. Esse movimento condicionado pela realidade das pessoas de baixa renda cria um descompasso nas intenções positivas da educação e um retorno ao caráter seletivo da educação pública brasileira.

A respeito do ensino, Gandin (2012) comenta sobre o engessamento da metodologia de ensino nas escolas. O sistema de notas para obter aprovação é o que prende os alunos a uma tensão, na qual Milanesi (1998) aponta como um reflexo ao ato de decorar. Os alunos decoram exatamente os que os professores ensinaram em sala de aula, informações essas contidas no livro didático adotado, inabilitando a necessidade de estudos mais aprofundados e pesquisas sobre o assunto por ambas as partes – o professor por já conhecer a matéria e o aluno por se apropriar apenas desse instrumento, para fazerem a prova e depois esquecem.

Pode-se dizer que essa falta de prática à pesquisa veio com a Reforma de 1971, que instaurou o fomento à mesma nas escolas, mas que na verdade, esse movimento se restringiu ao mecanismo de “copia e cola” dos alunos em enciclopédias direcionadas pelas editoras a esse tipo de trabalho escolar. Se desde a primeira idade, a escola não incentiva à pesquisa e a leitura, a tendência é que a cultura dessa região seja de não leitores.

Hoje a prática da “copia e cola” continua presente nas atividades relacionadas à pesquisa no ensino brasileiro. Com a facilidade do acesso e do uso das tecnologias como a Internet, por exemplo, os alunos buscam as informações na rede encontrando um grande volume de informações sobre um determinado assunto. Ao mesmo tempo em que as tecnologias ajudam a encontrar com rapidez e precisão as informações, as pesquisas parecem ter tomado um caráter superficial, uma vez que os alunos não estudam o material encontrado, ou seja, não leem e não criticam o mesmo, deixando de escreverem com suas próprias palavras na pesquisa. Nesse contexto, é indispensável a orientação de um mediador entre a

ferramenta utilizada para busca da informação e o ensino, para que a mesma não seja uma forma facilitadora vazia, que não ensina de fato, e só possibilita o lazer.

3 CENÁRIOS DA LEITURA

Perante a realidade do cenário educacional no Brasil, algumas entidades preocupadas com as questões da leitura e do livro, buscam firmar políticas públicas para promoção do gosto pela leitura e luta contra o analfabetismo e analfabetismo funcional na sociedade brasileira. São inúmeras as iniciativas, até mesmo com apoio do Governo Federal e do Estado, como o PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura) e o PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura) e o Projeto dos Agentes de Leitura, respectivamente, entre outras ações.

A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” do Instituto Pró-Livro, que avalia em âmbito nacional, o comportamento leitor da população, em suas duas últimas edições (2007 e 2011), constatou que os brasileiros não tem costume de ler em seu tempo livre, deixando o ato de ler em quinto lugar em uma relação de atividades como ver televisão e sair com os amigos. A pesquisa chamou de leitor aquele que leu um livro nos últimos três meses, e os resultados foram: falta de interesse em leituras, falta de tempo e preço caro dos livros, tendo de uma edição para outra, uma queda na pontuação que diz respeito à ação leitora.

O Brasil é um dos países com maior produção editorial da América Latina, principalmente ao que se refere aos livros didáticos, como incentivo do Governo Federal (LINDOSO, 2004 apud ROSA, ODDONE, 2006). As ações do Governo de fornecer livros didáticos para as escolas, na realidade, somente ajudam de forma quantitativa. Dessa forma, os livros didáticos continuam sendo os únicos meios de transmissão do conhecimento, através do discurso do professor preparado com base no mesmo, para os alunos, reafirmando um ensino engessado nas escolas brasileiras. Os livros didáticos são importantes para auxiliar na aprendizagem, e não para totalizar a forma da mesma. O ensino brasileiro precisa ser autônomo, caracterizando, através da leitura, o conhecimento.

Mas o cenário do Brasil leitor continua sendo o resultado de um diálogo desajustado da educação deficitária, que resulta em baixos índices de atividades leitoras e altos nos quesitos de analfabetismo e analfabetismo funcional; a ação quantitativa do mercado editorial,

fomentado pelo governo, que visa apenas fornecer livros didáticos para os alunos da rede pública de ensino, mas sem qualquer política de incentivo à leitura, a não ser por casos isolados por profissionais que se preocupam com a temática; e desconhecimento da população quanto às políticas de promoção à leitura em geral.

Essa cultura leitora deveria ser estimulada nas escolas, especialmente, desde as primeiras séries com as crianças, para que essa atitude de ler e gosto pela leitura seja uma coisa natural e compreendida como importante para a formação dos indivíduos. É necessário que para esta ação, os professores também sejam leitores, para formar novos usuários da leitura, excluindo o imaginário cansativo e trabalhoso no ato de ler tão presente na população brasileira. Além da ação de incentivo à leitura desde a infância nas escolas, que formam um ciclo, ou seja, o profissional de hoje foi uma criança que recebeu incentivo à leitura ontem, a formação acadêmica de Pedagogia, assim como a de Biblioteconomia, deveria ter significativa preocupação em apresentar disciplinas sobre o tema de leitura e formação de leitores para os formandos, tornando-os leitores e mediadores em potencial.

Os professores, animadores culturais e bibliotecários para assumirem o compromisso de fomento à leitura, os mesmo precisam ser leitores para que tenham condições de promover ações de incentivo à leitura, comenta Luft (2011). Um trabalho interessante de promoção à leitura dentro das escolas seria junto com uma ferramenta indispensável, mas que nem sempre é atribuído a ela o caráter devido, por falta de estrutura e real entendimento pelos gestores das instituições de ensino.

Essa ferramenta é a biblioteca escolar, que dispõe de diversas informações com pontos de vista diferentes, habilidades de competência informacional, entre outras atribuições que podem ajudar no fomento à leitura, pesquisa, autonomia no ensino/aprendizagem e construção do conhecimento. Deve ser um espaço de diálogo e troca, onde o leitor tenha o desejo de estar sempre e que se sinta a vontade, tendo a possibilidade de sonhar e conhecer o mundo através da imaginação e do conhecimento pela leitura.

4 BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar surge no Brasil junto com as escolas jesuíticas. Os religiosos tinham o compromisso de catequizar os indígenas, alfabetizando-os e fazendo com que os mesmos lessem livros católicos do acervo dos conventos. Para Válio (1990) e Carvalho Silva (2011), as bibliotecas escolares eram depósitos de livros religiosos, na qual somente os clérigos tinham acesso, para alfabetizar os índios brasileiros e os colonos.

Segundo Carvalho Silva (2011), as bibliotecas escolares como conhecemos hoje, só apareceram na segunda metade do século XIX, com a escola paulista Mackenzie. A biblioteca da escola Mackenzie, assim como outras particulares posteriores, atendia ao público elitizado do Brasil. Devido a isso, esses espaços destinados à guarda de livros passaram a abordar assuntos relevantes para o conhecimento, tendo a disponibilidade de acesso maior, e não só para os religiosos. Talvez seja por esse motivo que as bibliotecas escolares brasileiras não tem tradição. Nessa época, a biblioteca escolar passou a dispor de um acervo abundante e de boa infraestrutura.

Entende-se como biblioteca escolar, o espaço dentro da escola reservado à guarda e organização do conhecimento registrado, onde os alunos e professores utilizam o acervo e outros recursos, como vídeos, computadores, bases de dados, para consultar informações com objetivo de sanar dúvidas e questionamentos, ou seja, para alimentar suas necessidades informacionais e construir conhecimento.

A conotação das bibliotecas, de modo geral, como espaço de guarda dos livros, permanece até os dias atuais, por fazer parte da essência da mesma. A biblioteca continua organizando e guardando as informações para quando alguém precisar daquele conhecimento, acessar e consultar. Mas com o passar do tempo, as faces das bibliotecas vem mudando de acordo com a demanda da sociedade e suas especialidades.

No caso das bibliotecas escolares brasileiras, a mudança no consciente dos agentes educadores (professores, bibliotecários, entre outros profissionais) e do governo tem caráter emergencial, considerando que, com exceção de algumas bibliotecas escolares do sistema do ensino privado, estas estão em situações de abandono, destinadas a um armário no fundo da sala de aula com alguns poucos livros, geralmente desatualizados, ou, pequenas salas com poucas estantes e livros mal tratados doados para compor um acervo mínimo da instituição de ensino em questão.

O desinteresse por parte dos governantes, pela implantação e manutenção de um Sistema de Bibliotecas Escolares com acervos atualizados e profissionais especializados vem reafirmando a cada dia a falta da tradição bibliotecária brasileira, impedindo, assim, que milhares de estudantes possam usufruir da primeira, talvez a única, oportunidade concreta de acesso à leitura e aos bens culturais e científicos produzidos pela coletividade. (MAROTO, 2009, p. 61)

Para além da estrutura, as bibliotecas escolares estão condenadas a serem lugares de punição, para aquele aluno que não se comportou adequadamente, ou lugares confortáveis para professores prestes a ser aposentados ou que não ocupam salas de aula. É o que acontece em muitas salas de leitura das escolas públicas. Esses espaços são coordenados apenas por professores, excluindo as competências necessárias de bibliotecários, profissionais que poderiam agregar valores para os espaços de leitura e informação em prol de um ensino autônomo e consciente.

[...] a biblioteca é potencialmente um dos espaços que mais pode contribuir para o despertar da criatividade e do espírito crítico no aluno, tendo em vista os diferentes tipos de documentos que podem constituir o seu acervo e os variados serviços e atividades que ela pode desenvolver. As informações obtidas na ou por meio da biblioteca escolar podem, portanto, constituir-se em inesgotável fonte de estímulo e inspiração para as iniciativas criadoras do educando. (CARNEIRO DA SILVA, 2003, p. 37)

Alguns autores comentam a dificuldade de encontrar literatura sobre a temática da biblioteca escolar. Particularmente, para a produção deste trabalho foram poucas as referências encontradas. Autores como Carneiro da Silva chegam a se questionar sobre a importância do assunto para a própria classe bibliotecária, uma vez que são poucos os profissionais da área que se manifestam pelo tema, velando um silêncio junto aos profissionais da educação.

Como mencionado anteriormente, a biblioteca escolar está diretamente ligada à escola, sendo assim complemento do ensino, ou seja, uma ferramenta para o ensino continuado. Essa relação do ensino nas escolas com as bibliotecas sejam privadas ou públicas, está no histórico deficitário, já expresso nesse trabalho, da educação no Brasil. Por questões políticas, econômicas, e conseqüentemente, socioculturais, as classes menos favorecidas do país dependem de uma educação engessada pelo discurso repetido do professor, onde nem o educador nem o aluno são motivados a pesquisar, se afastando assim, da leitura e da busca pelo saber mais específico e aprofundado.

A transformação do cenário educacional no país precisa passar do estado estático para o dinâmico, trazendo para todo o sistema de ensino nacional, a proposta da autonomia, criatividade e competência informacional para seus educandos. Com isso, os alunos teriam de compreender a troca de informações com o professor como algo natural, de forma livre, questionadora e agregadora; e se responsabilizar de continuar esse estudo através de pesquisas e experiências dentro e fora da escola.

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (UNESCO, 2006, p. 3)

Alguns esforços foram atendidos pelo governo brasileiro, como, a implantação do Programa das Salas de Leitura na década de 1980 e a Lei 12.244 de 2010, que dispõe da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país. Porém, as ações rumo ao caminho transformador da sociedade através da educação está muito além do caráter quantitativo de bibliotecas.

Mais do que construir espaços físicos para abrigar bibliotecas, os profissionais envolvidos com a educação e o governo precisam se conscientizar da importância da educação autônoma, crítica e livre, para a construção da cidadania, e o suporte que a biblioteca é para o incentivo à leitura, preocupada em formar leitores capazes de interpretar informação e não só decodificar os signos que a compõe. A biblioteca escolar precisa ser o primeiro espaço, junto à escola, democrático para os indivíduos desde a infância.

Apresentados os pontos críticos e reais da situação das bibliotecas escolares no Brasil, um documento em âmbito internacional que pode ajudar a repensar sua situação é o Manifesto da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura junto com a International Federation of Library Associations and Institutions (UNESCO/IFLA) de 2002 sobre diretrizes para a mesma. No documento encontram-se expressos a missão, objetivo, entre outras informações sobre equipamentos e a equipe de pessoal que deve atuar nesses espaços tão importantes para a sociedade. Para Fragoso (2002, p. 127), a biblioteca escolar tem como objetivos cooperar com o currículo da escola no atendimento às necessidades informacionais do aluno, professor e comunidade em que a escola está inserida; além de estimular e orientar a comunidade escolar em pesquisas e leituras, fomento da leitura e escrita, entre outros.

Já está mais do que justificado pelos autores com seus discursos, que o trabalho em equipe entre escolas e bibliotecas escolares é a chave para a educação e progresso, de fato. É importante que as universidades se articulem para os alunos tenham interesse em atuar nesses espaços, e não somente nas bibliotecas especializadas, pois com o aumento da procura por esses lugares e melhora na qualidade do profissional, além do aumento dos salários, essas bibliotecas terão dignidades para realizar e concretizar seus objetivos e contribuir ativamente para a sociedade. Para os esperançosos estudiosos, a saída que as bibliotecas públicas e escolares encontram é a revitalização desses espaços, com uma boa estrutura física, com bastante cor, presença de vida e movimento em atividades e criatividade em prol de saberes; capacitação de profissionais das duas áreas, com entendimento sobre a importância de ações de inclusão e práticas leitoras dentro das escolas, do diálogo entre bibliotecários e professores para desenvolvimento de planos de ações para agregar valores à comunidade dentro e fora dos muros da escola.

5 O BIBLIOTECÁRIO E SUAS ATRIBUIÇÕES

Para falar do bibliotecário esse capítulo começa com uma afirmativa bastante óbvia: o bibliotecário é o profissional que gerencia as bibliotecas. Os avanços tecnológicos invadiram a maioria das áreas do conhecimento com suas promessas de facilidades e possibilidades, e com a Biblioteconomia não foi diferente. A necessidade de se especializar e compreender o novo cenário de mercado mundial, fez com que a Biblioteconomia agregasse alguns novos comportamentos.

A formação do bibliotecário, com isso, ficou bastante voltada para a compreensão e domínio de mecanismos e conceitos ligados à Ciência, Tecnologia e Inovação. De fato, essa preocupação, e conseqüentemente, essa mudança no currículo dos cursos de Biblioteconomia, é pertinente, pois é preciso acompanhar as demandas socioeconômicas nas quais todos estão sujeitos. Mas essa ênfase especialmente dada aos avanços tecnológicos, ou seja, aos mecanismos como base de dados, entre outros sistemas de armazenamento e gerenciamento da informação, deixaram espaços vazios quanto às discussões sobre as bibliotecas públicas e escolares, focando somente nas especializadas.

De acordo com Milanesi (2002, p. 9): “O reflexo dessa política nas instituições formadoras de bibliotecários foi a valorização da ‘biblioteca especializada’ e a despreocupação com a ‘biblioteca escolar’ vista como menor e incapaz de garantir um bom emprego”. A formação humanística do bibliotecário se encaixou em disciplinas optativas nas universidades, sendo pouco discutida em meio a tanto *bit byte* nos centros acadêmicos.

Esse é um movimento importante para se pensar, pois uma biblioteca como a escolar, por exemplo, precisa se revitalizar para garantir o acesso à informação para as escolas de ensino básico, e assim promover um ensino continuado aos alunos, para que os mesmos possam alcançar o nível de ensino superior com capacidade de produzir conhecimento em prol do desenvolvimento da sociedade.

O bibliotecário está envolvido na programação para o desenvolvimento curricular, em colaboração com os gestores da escola, os administradores e os professores. Ele tem o conhecimento e as competências relacionados com o fornecimento da informação e a resolução de problemas de informação, bem como a perícia na utilização de todas as fontes, impressas e electrónicas. (UNESCO, 2002, p. 12)

Nesse contexto, mais do que um simples organizador e guardião da informação, o bibliotecário é um parceiro, um colaborador ativo e fundamental para os assuntos ligados a educação. Como mencionado anteriormente, a biblioteca escolar não pode ser um espaço físico com livros nos quais não há movimento. A biblioteca escolar precisa contar com um profissional da informação, que além de recuperar a informação de maneira eficaz, o mesmo possui habilidades específicas para fazê-la e orientar os alunos a adquirir competência informacional.

Além disso, seguindo as novas tendências em relação aos novos programas de leitura e os prêmios dados às iniciativas de leitura, o bibliotecário deve também pensar na sua função de mediador de leitura. Como falaremos no capítulo a seguir.

5.1 Bibliotecário como educador/mediador

O bibliotecário é o profissional que, além de tudo é essencialmente leitor, e possui as habilidades e competências informacionais necessárias para auxiliar os alunos na busca e seleção de informações para utilização e geração de conhecimento dos mesmos. Dentro do espaço escolar, o bibliotecário é uma peça importante na parceria com os professores, podendo trocar ideias e experiências sobre atividades que podem ser realizadas dentro e fora da escola, com o objetivo de tornar os educandos mais autônomos em sua aprendizagem. Com isso, o bibliotecário escolar é também um educador, ou seja, mediador das atividades informacionais junto aos professores. Para confirmar essa ideia, cito Geneviève Patte:

Entretanto, é impossível para professores e bibliotecários manter um trabalho com essas qualidades no isolamento e na solidão. A comparação de experiências se impõe. Tudo deve ser refletido em permanência. É assim que palavras como parceria, colaboração e trabalho de equipe ganham força e sentido. (PATTE, 2012, p. 318)

Segundo Fragoso (2002, p. 128), entre as habilidades pertinentes ao bibliotecário escolar, como mediador, ele deve ter conhecimentos subjetivos (interativos, cognitivos e éticos), profissionais (uso de bases de dados, organização, catalogação e intimidade com fontes informacionais) e pedagógicos (adaptação de conteúdos para orientação da comunidade escolar – formar e informar).

Além das ferramentas utilizadas pelo profissional bibliotecário para auxiliar na pesquisa, na autonomia dos estudos dos indivíduos, ou seja, na competência informacional, e na cooperação de atividades junto ao corpo docente da escola, o fomento à leitura e escrita também é uma das funções mais importantes dentro da biblioteca escolar. É através do acervo atrativo aos olhos do usuário curioso que o bibliotecário vai desenvolver seu papel de semeador da prática de leitura, mediando esses dois universos (usuário-livro). O bibliotecário precisa estar atento e comprometido com a ação de mediação de leitura com o usuário. Para Petit (2008, p. 148): “[...] um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso”.

É de extrema importância que o bibliotecário conheça seus usuários, para que ele possa indicar boas leituras de acordo com o perfil de cada um, promover práticas como contações de histórias e contato com a literatura infanto-juvenil, oferecer oportunidades,

materiais e atividades, como diz Fragoso (2002, p. 129), para despertar o interesse dos alunos para o espaço criativo da biblioteca escolar. O bibliotecário como mediador dessa relação entre a informação, ensino, leitura e comunidade escolar, junto aos professores, contribui para entendimento e inclusão de assuntos diversos implícitos nos comportamentos e discursos.

Para além do plano de traçar metas para ações dentro da escola, as formações de bibliotecários e professores precisam dialogar e se reconhecer quanto parceiros e difusores de saberes, criatividade e possibilidades entre os indivíduos. É muito importante, para que o pensamento da escola ideal dê certo, os professores e bibliotecários se reconheçam como iguais e não apenas em uma relação de hierarquia na qual um se submete ao outro, deixando que o comportamento de superioridade atrapalhe um trabalho valioso e necessário em todas as sociedades, em especial, em países como o Brasil.

Há muito tempo diversos países, considerados desenvolvidos, como os Estados Unidos da América, por exemplo, já compreenderam a importância da escola, ou seja, da educação na formação de qualquer indivíduo, independente da classe social, ainda que na maioria dos casos esse seja outro problema a ser vencido, para atuação da cidadania e produtividade à sua Nação, de alguma forma. Bibliotecários trabalham com sistemas de bases de dados, desenvolvimento de acervo produtivo e informativo, com literatura, e alguns até com contação de histórias e rodas literárias, para estimular a importância da leitura nas crianças, como é o caso de algumas regiões da França. Essa prática é uma conscientização que o Brasil precisa ter.

5.2 Relação bibliotecário e leitor

Como mencionado anteriormente, o bibliotecário é o profissional que além de organizar e dispor as informações para os usuários, o mesmo possui habilidades para pesquisa, competência informacional, ou seja, aprender a aprender, transmitir a capacidade e entendimento de utilização de ferramentas informacionais com o objetivo de suprir a necessidade informacional do usuário, tornando autônomo na busca e construção de seu conhecimento. Além dessa função, o mesmo tem um comprometimento, principalmente quando se trata do ambiente escolar ou de proximidade com as crianças, de formação de leitores e valores socioculturais.

Em seu livro “Deixem que leiam” de Geneviève Patte (2012), a bibliotecária francesa comenta sobre a importante relação dos adultos com as crianças em atividades com a leitura. Trazendo a ideia da autora para a escola, o bibliotecário escolar precisa ter domínio das habilidades específicas comentadas ao longo do trabalho, mas também precisa ter forte ação com o comprometimento humanístico de formar leitores em potencial. Para a autora, o bibliotecário não é só um artifício de repostas a todas as perguntas, mas o elo entre a dúvida e as soluções.

Sobre a relação bibliotecário-leitor, a autora também menciona um tema muito apreciado pela mesma, que trata-se do *Small is Beautiful*. A expressão significa a proximidade entre os mediadores de leitura e as crianças (sem tradução livre), nas quais são sua fonte de estudo e ações, muito pertinente ao ambiente escolar, uma vez que o presente trabalho visa incentivar a leitura nas escolas desde a infância através do diálogo entre os professores e a biblioteca escolar.

O bibliotecário tem o dever de conhecer seu público. É a partir desse conhecimento, através de pesquisas, estatísticas, observações durante as atividades e conversas informais, que o profissional descobre os mais diversos perfis dos frequentadores das bibliotecas. Para além desse conhecimento, o bibliotecário deve conhecer seu acervo, munido de assuntos inclusivos, livres de discriminações ou posicionamentos tendenciosos, tendo o compromisso de mostrar um universo novo, divertido e livre para o mundo imaginário das crianças. Esse comportamento livre de morais e cobranças torna o ambiente de leitura mais agradável, apresentando para as crianças que a leitura não está necessariamente ligada à trabalhos, pressões e provas, e sim, à um mundo informativo e criativo que pode ser explorado de maneira diferente.

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco á vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras ‘verdadeiras’, é essencial. (PETIT, 2008, p. 154)

Independente do espaço, ou seja, dentro ou fora da escola, as atividades de leitura que contemplam o *Small is Beautiful* precisam em sua essência considerar pequenos grupos, onde a intimidade e conhecimento de cada um é um movimento progressivo que cultiva a alegria,

desmistificando a leitura como uma ação obrigatória vinculada a deveres. Os pequenos tem prazer em ler e são de fato promissores leitores, apenas precisam ser acompanhados, estimulados e atraídos para uma leitura interessante, transformadora e diferente do que costumam enfrentar para as provas e dificuldades na escola.

A relação que precisa existir entre o leitor e o bibliotecário vai além das funções exigidas pelo cargo do profissional. O comprometimento, já citado anteriormente, e o entendimento da importância de se fazer a diferença são os fatores que parecem transformar as ações do profissional bibliotecário com os leitores, oferecendo proximidade, novos caminhos e possibilidades. Com a ajuda de uma formação humanística, a conscientização, de forma íntima, ou seja, o real sentimento de satisfação à realização de atos colaboradores da construção humana, nesse caso a leitura, pode transformar as bibliotecas em locais agradáveis, principalmente na escola, onde a leitura muitas das vezes são associadas à exercícios em aula e desafios de obtenção de notas para aprovação. Com isso, a leitura deve ser algo simples, atraente, transformador e sem traumas, para que os indivíduos façam dela e de suas relações com o mundo um ato natural e prazeroso.

5.3 Desenvolvimento de coleções na biblioteca escolar

A composição do acervo é uma atribuição muito importante no exercício do bibliotecário. É no acervo que se encontram os mais diversos livros que são instrumentos de trabalho para o profissional da informação. A construção do acervo precisa ser elaborada e realizada com bastante atenção aos objetivos do meio que a biblioteca está inserida, ou seja, no caso da escola, os livros a serem incorporados precisam ter a utilidade cabível para fins específicos da escola; e aos diversos perfis dos usuários que dela usufruirão. O bibliotecário precisa conhecer a comunidade escolar na qual está inserido.

A biblioteca escolar não atende somente aos alunos, mas a todos os membros que compõem a comunidade escolar, tendo a biblioteca como espaço informacional que abrange a todos que formam a escola, buscando atender suas necessidades informacionais. Por esse motivo, através de uma política de formação e desenvolvimento de acervo, que toda biblioteca deve ter, o bibliotecário compreende os diversos perfis dos usuários da biblioteca, suas possíveis necessidades, o plano pedagógico da escola, as informacionais interessantes

relacionadas ao mundo, de forma inclusiva, livre e agregadora de conhecimento, entre outros fatores, por meio de aquisição de compra pela escola e doações relevantes para compor esse acervo.

De acordo com a UNESCO (2006, p. 9): “A biblioteca escolar deve disponibilizar acesso a um amplo leque de recursos que corresponda às necessidades dos utilizadores, independentemente da sua educação, informação e desenvolvimento pessoal”. Para fins de fomento à leitura, o acervo precisa ser interessante aos olhos dos usuários.

Se tratando de uma escola do ensino básico, o bibliotecário deve intermediar a boa leitura apresentando um mundo literário de outras culturas, de quebra de tabus e de novidades e curiosidade que cativem o leitor, para que o mesmo tenha cada vez mais vontade de ler e aprender sobre o mundo e poder escrever sobre suas próprias experiências. Para a construção de um acervo escolar, o bibliotecário precisa observar essas questões, dos livros infanto-juvenis, os livros didático, os informativos com seus variados pontos de vista, entre outros para atender a toda a comunidade escolar.

6 BIBLIOTECA ESCOLAR COMO UM ESPAÇO CRIATIVO

A escola é o primeiro contato dos indivíduos com questões sociais, científicas, morais, entre outras, com caráter formador dos mesmos para a sociedade em que vivem. Para a junção da sala de aula com a biblioteca escolar, além dos esforços feitos pelos professores e pelos bibliotecários, a preocupação com o espaço físico também é relevante. As bibliotecas escolares tem o compromisso de receber em seus espaços a comunidade escolar que abrange indivíduos desde a infância até o ensino médio, e os adultos, como pais e funcionários, que compõem também esse cenário escolar.

Portanto, as bibliotecas escolares devem ter um espaço maior do que pequenas salas de aula com livros amontoados. A biblioteca deve ter espaço para circulação dos usuários, para alocar as estantes, destacando que seria interessante que as mesmas respeitassem os tamanhos dos seus frequentadores, para facilitar o acesso à elas; tapetes e pufes (feitos de materiais que não agridam os frequentadores), para que os mesmos possa se sentir a vontade nesse espaço,

paredes pintadas com cores vibrantes, para que o espaço chame a atenção dos que passam do lado de fora e alegre para os que estão do lado de dentro da biblioteca.

Além dos aspectos físicos, as bibliotecas escolares precisam ter um equipamento funcional, como projetores, telão, televisão, computadores com Internet (de acesso livre), para que os alunos possam desfrutar das possibilidades e caminhos que a mesma fornece como a comunicação, troca de ideias em redes sociais e Web 2.0; e também bases de dados, que incitem as pesquisas e a prática do aprender a aprender. Todas essas atividades acompanhadas de um profissional bibliotecário, que possui habilidades necessárias para tornar a troca e a aprendizagem continuada possível e segura, junto ao plano pedagógico da escola.

Mesmo com toda essa estrutura, muitas vezes tecnológica, o que é pertinente para as bibliotecas, quando há uma na escola em questão, tanto os bibliotecários quanto os professores acabam dando pouca importância para ações de fomento à leitura, trazendo satisfação e buscando o prazer em ler para a comunidade escolar. Dentro da biblioteca, o bibliotecário não tem compromisso somente com o exercício de transmissão da informação e capacitação da competência informacional nos usuários, mas também de fomentar a escrita e a leitura, entre outras questões como debates, mostras, feiras e outras possíveis ações que complementam o plano pedagógico da escola.

A biblioteca escolar precisa ser um lugar de cunho cultural, social, de pesquisa, de troca de experiência e fomento da leitura e escrita. É nesse espaço onde o bibliotecário de maneira informal e preocupada com a formação de indivíduos para o exercício da cidadania, apresenta seu conhecimento em boas leituras, sua atenção com os usuários atendendo cada um com a sua necessidade informacional e cultural de maneira personalizada, transformando seus pensamentos e concepção de mundo ao redor através da leitura.

O espaço criativo em que a biblioteca escolar se transforma não pode ser seletivo ou segregado, o mesmo precisa atender as demandas dos pais e funcionários da escola. No caso dos pais, a conversa com o bibliotecário pode auxiliar os mesmos na condução leitora com o filho em casa. O trabalho em conjunto pode gerar muitos frutos, trazendo produtividade e satisfação para os alunos.

Junto com o plano pedagógico da escola, por isso é muito importante que o bibliotecário participe das reuniões dos docentes, a biblioteca pode abrir portas para atividades e assuntos inclusivos, trabalhando mais uma vez a parte social dos alunos. Como

por exemplo, o exercício da Lei 10.639, que obriga o ensino da cultura africana e afro brasileira nas instituições de ensino. Independente de uma lei ou de datas comemorativas como o treze de maio, dia de Preto Velho e abolição da escravatura, as bibliotecas escolares poderiam trabalhar junto nas escolas esse e muitos outros temas, com o propósito de inclusão e conhecimento dos alunos, reduzindo assim os índices de discriminações e ignorâncias.

Experiências como a de Geneviève Patte com a biblioteca infantil de Clamart mostram que a mesma iniciativa de promoção à leitura e proximidade com as crianças podem ser aplicadas nas bibliotecas escolares. Algumas escolas no Brasil já apresentam atividades interessantes a partir da biblioteca escolar, especialmente nas escolas privadas como a escola Edem. No ano de 2013, essa mesma escola realizou uma feira com o tema afro brasileiro, onde os alunos produziram suas artes em desenhos, músicas, entre outras manifestações artísticas sobre a temática, além da exposição de uma feira de livros, grupo de contação de história sobre instrumentos musicais artesanais africanos e palestra com nomes, como Nei Lopes.

Essas iniciativas são articuladas em conjunto pela equipe escolar (professores, bibliotecário e outros funcionários) em prol da inclusão social, exposições e debates, disseminação de informações; e trocas de conhecimento e experiências para a comunidade como um todo. Vale ressaltar que essa iniciativa foi aberta ao público. A escola e a biblioteca escolar precisam articular com frequência atividades como estas para apresentar novos conhecimentos, práticas educacionais e interação dos espaços com os alunos, saberes e criatividade.

7 PRÁTICAS LEITORAS

As práticas leitoras são ações desenvolvidas com o objetivo de promover a leitura aos indivíduos, independente do espaço físico, ou seja, de ser em bibliotecas, escolas ou praças públicas. O trabalho em questão trata do espaço da biblioteca escolar em comunhão com a própria escola que a abriga. Por isso, as práticas leitoras aqui mencionadas podem ajudar a comunidade escolar a entender a leitura como algo prazeroso e não somente como um dever.

Para Luft (2011), as práticas leitoras devem ter como base três princípios, que são: o mediador como leitor como já mencionado anteriormente, é indispensável que o profissional que atua como mediador de leitura seja também um leitor; o conhecimento do público no qual está trabalhando, ou seja, o mediador de leitura precisa conhecer o ambiente onde está atuando, o grupo social no qual está lidando, para o relacionamento das obras selecionadas com o leitor seja viável e coerente; e por fim, a possibilidade de apresentar junto à essa leitura, outros suportes que possam vir a auxiliar o ato de ler e o entendimento da leitura em questão.

Dentro da biblioteca escolar, por exemplo, o bibliotecário deve escolher algumas obras de acordo com os alunos que o visitarão naquele dia, por isso é importante que o mesmo conheça seu público, para que todos tenham sintonia, e promover uma roda de leitura, ou um pequeno sarau, entre algumas outras formas de trabalhar a leitura. Essas ações conhecidas como práticas leitoras tem o objetivo de cativar os leitores para o momento da leitura e explorar seu lado criativo.

Para a realização de atividades como roda de leitura ou sarau na biblioteca seria legal que a cada encontro houvesse um tema, proposto pelo bibliotecário ou pelos próprios alunos, podendo isso ser combinado nos diálogos entre mediador e leitor. Essa ação viabiliza uma proximidade maior entre os participantes, conseqüentemente, tornando o incentivo à leitura agradável para ambas as partes. Os livros ficariam a disposição dos alunos, em uma exposição livre dentro da biblioteca, os que quisessem ler, pois nenhuma dessas atividades pode ter um caráter obrigatório, e sim de conquista da vontade do aluno em participar, se apresentaria lendo seu texto e se quisesse poderia acrescentar vozes e expressão corporal, como uma contação de história, como a conhecemos.

Além do rodízio de leituras, o bibliotecário pode também trabalhar com a produção literária dos alunos, fortalecendo a prática da escrita, onde os mesmos escreveriam histórias baseadas na que leu na atividade anterior. Se for para utilizar outro suporte que não seja o livro, a exemplo de um filme, o bibliotecário poderia passá-lo até um determinado ponto para que os alunos imaginassem um desfecho para aquela história depois. Esse tipo de exercício é tão empolgante, que o bibliotecário poderia promover junto aos professores a publicação dessas histórias na escola e expor em feiras literárias organizadas pela mesma.

De acordo com Luft (2011): “A leitura é um processo de interatividade, implicando a explicitação do modo como o leitor visualiza o mundo, dos valores que subjazem às suas

manifestações e do encaminhamento da significação do texto original observadas essas nuances”. As práticas leitoras são ações que auxiliam os mediadores de leitura em seus trabalhos com os leitores, objetivando trazer o prazer na leitura e o entendimento da sua importância através de um ambiente e relacionamento mais tranquilo, agradável e criativo aos participantes.

As práticas leitoras vão de acordo com a criatividade do mediador que as realiza. Como já mencionado anteriormente, as rodas de leitura onde cada participante ler um trecho, podendo ser do mesmo livro ou não, possibilitando que os mesmos façam uma nova história e utilizem de suas imaginações; ou um sarau onde cada um lê aquilo que lhe interessou mais, tendo a liberdade de incluir elementos como corpo e voz; também existem as feiras de troca-troca, que podem ser realizadas no espaço do colégio, como o pátio, ou seja, a céu aberto, onde os alunos vão trocar livros e experiências, passando adiante o que já conhece e tomando para si o novo, para depois novamente trocar e conhecer mais coisas e partilhar novos conhecimentos.

Outras iniciativas como um pic nic literário, que também acontecem no ambiente escolar, é interessante. Entre uma leitura e outra, os alunos lancham, levam suas comidas preferidas, incluindo frutas e outros alimentos saudáveis, podem essa importância com a alimentação ser comentada durante a leitura dos contos. A visita de um autor nesses encontros também é muito válida, onde os alunos terão contato com a mente que criou aquela história maravilhosa, podendo conversar e haver uma troca de ideias, autógrafos, contação de histórias pelo próprio autor, entre outras maravilhas que o mundo da leitura proporciona.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso para graduação em Biblioteconomia avaliou em diversos discursos de autores sobre Educação, Leitura e Biblioteconomia que a prática de leitura, por mais que se tenham leitores espalhados pela sociedade brasileira, ainda não é significativa. As ações tanto independentes quanto governamentais ainda não conseguiram atingir um número considerável de leitores em potencial, talvez pela preocupação

quantitativa, por exemplo, em fornecimento de materiais para as escolas e bibliotecas e não políticas de ações leitoras. Além disso, há uma grande preocupação com outros assuntos dentro das universidades que deixam esse de lado.

Mas nem tudo está perdido, pois, apesar dos cenários da leitura e educação no Brasil encontrarem-se deficitários, alguns esforços, mesmo que isolados, tentam formar leitores não somente na ação de decodificar signos, mas sim, interpretar as leitura e criar a partir delas, para que as escolas, universidades e até mesmo as ruas, os transportes públicos, entre outros lugares comuns possam ter pessoas ativas e questionadoras sobre os saberes e informações, para que possam praticar a cidadania e traçar o próprio rumo de suas vidas sem amarras, independentes.

A leitura não pode ser apenas uma obrigação, um meio para obtenção de notas para aprovação de um sistema escolar. A leitura está além dessa visão superficial sobre a sua importância. A escola tem uma importância crucial na formação da cidadania, na construção dos indivíduos, de seus valores. É nela que muitos tem o primeiro contato com muitas coisas que levaram para o resto da vida. O objetivo desse trabalho não foi ir contra esse cenário escolar, mas apresentar e defender a biblioteca escolar como um espaço criativo, o bibliotecário como mediador de leitura, pró-ativo e componente do corpo docente na elaboração de atividades e alternativas que cativam o saber, principalmente por meio da leitura.

Referências

- AURORA NETA, Maria. Práticas leitoras na atualidade: ressignificando leituras e leitores. In: ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 4., 2011, Goiás. **Anais...** Goiás: UEG, 2011, p. 1-20.
- A BIBLIOTECA escolar: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CARNEIRO DA SILVA, Waldeck. **Miséria da biblioteca escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- CARVALHO SILVA, Jonathas Luiz. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez. 2011.
- FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 124-121, 2002.
- GANDIN, Danilo. Participação, poder e escola democrática. In: FETZNER, A. R., MENEZES, J. S. S. **A quem interessa a democratização da escola?: reflexões sobre a formação de gestores**. Rio de Janeiro: Outras Letras Editora, 2012.
- GOULART, Nathalia. Hábito de leitura cai no Brasil, revela pesquisa. **Veja Online**. [S.l]: mar. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas>>. Acesso em: 02 maio 2014.
- LUFT, Gabriela. Práticas leitoras multimídiais e formação de leitores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011.
- MANCEBO, Samara. Um retrato em 3x4 da educação pública no Brasil: avanços e retrocessos. In: PAIVA, A. R., BURGOS, M. B. (Org.). **A escola e a favela**. Rio de Janeiro: Editora PUC RIO, 2009.
- MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!:** do espaço do castigo ao centro de fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- MILANESI, Luis. A formação do informador. **Informação e Informação**. Londrina, v. 7, n. 1, p. 7-40, jan./jun. 2002.
- MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Lisboa, 2006.
- PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PUBLICAÇÃO da segunda edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. **Funarte**: portal das artes. [S.l]: jan. 2010. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/literatura/publicacao-da-segunda-edicao-da-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/>>. Acesso em: 02 maio 2014.

ROCHA, Ruth. **Quando a escola é de vidro**. [S.l]: set. 2012. Disponível em: <<http://ccbela.wordpress.com/2012/09/25/quando-a-escola-e-de-vidro-ruth-rocha/>>. Acesso em: 19 maio 2014.

ROSA, Flávia Goullart Mota Rosa, ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Trans-in-formação**. Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 1990.

YUNES, Eliana. Apresentação. In: _____. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009. p. 9.